



Ano I – Nº 4 – Novembro de 2017

Apresentação



Caro Leitor,

Vimos com essa edição dar continuidade ao trabalho a pouco iniciado. Trazemos informação acerca do que mais afetou o mercado de commodities (principalmente oleaginosas) durante o mês de setembro. Buscamos manter-lhe atualizado sobre aquele que é o principal componente do PIB de nosso país.

Esperamos que nosso trabalho seja cumprido e que fique satisfeito com a leitura. Qualquer sugestão é bem vinda, de modo a atendê-lo da melhor forma possível. Muito obrigado e boa leitura.

Realização:



Universidade
Federal
de Viçosa



CENTRO DE REFERÊNCIA DA CADEIA DE
PRODUÇÃO DE BIOCOMBUSTÍVEIS
PARA A AGRICULTURA FAMILIAR



Seja parceiro:

Entre em contato

contato@biomercado.com.br

Nesta edição:

Caroço de algodão
Amendoim e óleo
Mamona

pg.2
pg.3
pg.4

Girassol
Milho
Soja

pg.4
pg.5
pg.6



Algodão

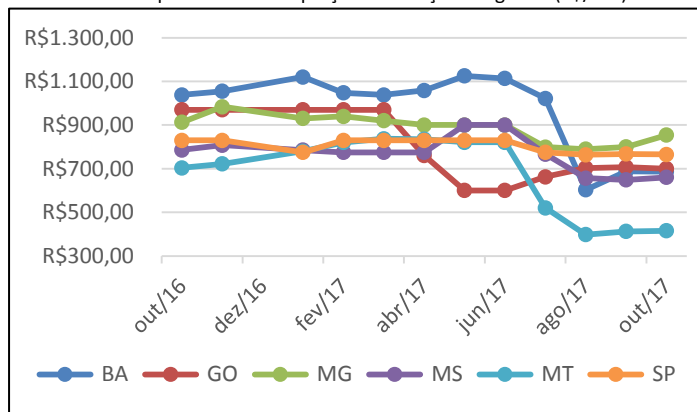
Mercado Interno

De acordo com a CONAB, a movimentação no mercado disponível brasileiro de algodão continuou de forma tímida nesta semana, em grande parte, devido à volatilidade da bolsa de Nova Iorque e à taxa de câmbio. A variação dos dois principais fatores formadores de preços, ICE Futures e taxa de câmbio, deixaram os agentes receosos de tomarem qualquer decisão.

As negociações de caroço de algodão estiveram em ritmo lento em outubro. As efetivações envolveram apenas pequenos volumes, principalmente para atender à demanda de pecuaristas. Colaboradores do CEPEA relataram dificuldade nas vendas e enfraquecimento dos preços dos derivados. Diante disso, empresas trabalham com o caroço em estoque e/ou com as programações realizadas anteriormente. Mesmo com as ofertas de venda a valores inferiores, o interesse de compra é ainda menor. Diante da boa produção da temporada 2016/17, vendedores com necessidades de retirada rápida do produto chegam a ser mais flexíveis nos preços. Em outubro, agentes ainda relataram dificuldade de encontrar caminhões para transporte (CEPEA/ESALQ, 2017).

A pequena oscilação de preços nos principais estados produtores demonstra a baixa no mercado interno. Todos os indicadores se mantiveram praticamente estáveis, com variação inferior a 1%, com exceção do estado de Minas Gerais que apresentou um aumento de 6,33%. Com relação ao mesmo período do ano anterior, todos os estados apresentam retração, sendo que a maior queda se deu no estado com retração de cerca de 33,8%. Esses dados podem ser melhor entendidos com avaliação do Gráfico 1.

Gráfico 1 – Acompanhamento de preços do caroço de algodão (R\$/ton)



Fonte: Elaborado pelos Editores.

Mercado Internacional

A Bolsa de Nova Iorque (ICE Futures) para o algodão apresentou alta na média desta semana, quando comparado com a semana anterior. A piora nas condições da lavoura e as baixas temperaturas no Texas, que podem afetar a colheita, foram os principais fatores responsáveis por essa elevação (CONAB, 2017).

Segundo dados do Departamento divulgados em 12 de outubro, a produção mundial da safra 2017/18 está estimada em 26,3 milhões de toneladas, 13,4% maior que a temporada anterior. A produção nos Estados Unidos teve reajuste negativo de 3% frente aos dados do relatório de set/17, enquanto que o Brasil aumentou em 4% sua expectativa, no mesmo comparativo, podendo totalizar 1,698 milhão de toneladas em 2017/18. Já o consumo global poderá chegar a 25,694 milhões de toneladas, crescimento de 3,8% frente à safra 2016/17, reflexo do aumento esperado para o consumo em todos os países.

APOIO



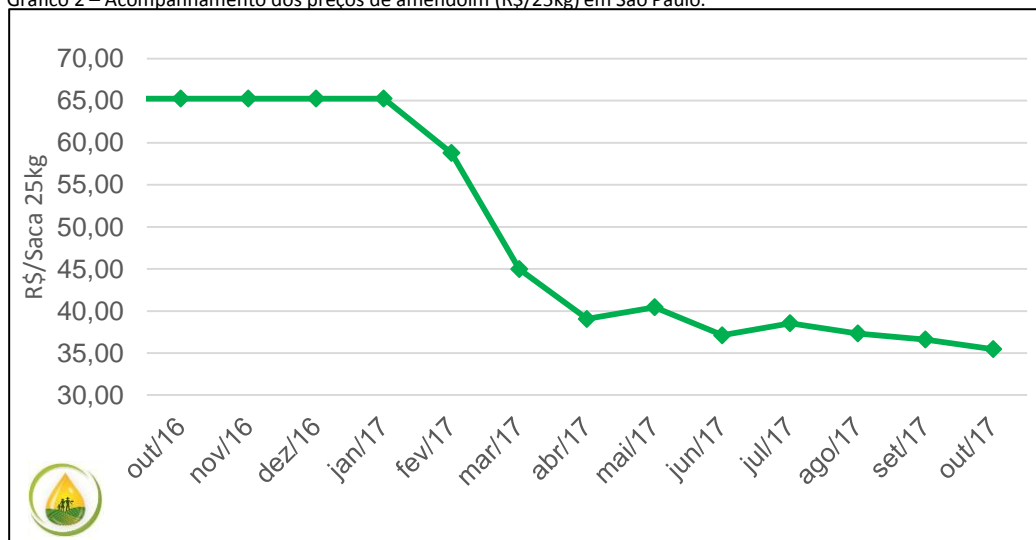
Amendoim e Óleo

O amendoim primeira safra é plantado entre os meses setembro e outubro e colhido entre março e abril, quando atinge sua maturação. Normalmente, a área utilizada corresponde às áreas de reformas canavieiras após o quinto corte da cultura sucroalcooleira. No presente momento, quesitos como a produtividade, a produção e a área cultivada têm gerado boas expectativas e estabilidade.

Em São Paulo, o site de cotações Biomercado calculou o preço médio da região e encontrou o valor de R\$ 35,47. Em comparação ao mesmo mês do ano passado, correspondente à safra anterior, o valor em questão representa quase a metade do preço médio, que era de R\$ 65,26. Constantes melhoramentos genéticos e investimentos em equipamentos modernos são fatores que influenciaram no aumento da produtividade e da oferta do grão e na conseqüente queda do preço.

Entretanto, em relação ao amendoim total, ou seja, a soma do amendoim primeira e segunda safra, em termos nacionais, mesmo tendo ocorrido um aumento na área cultivada, tanto a produtividade quanto a produção apresentaram variações negativas de, respectivamente, 3,1% e 0,6%, como nos mostra o 2º Levantamento de Grãos – Safra 2017/18 da CONAB [\[1\]](#) em comparativos com a safra anterior.

Gráfico 2 – Acompanhamento dos preços de amendoim (R\$/25kg) em São Paulo.



Fonte: Elaborado pelos Editores.

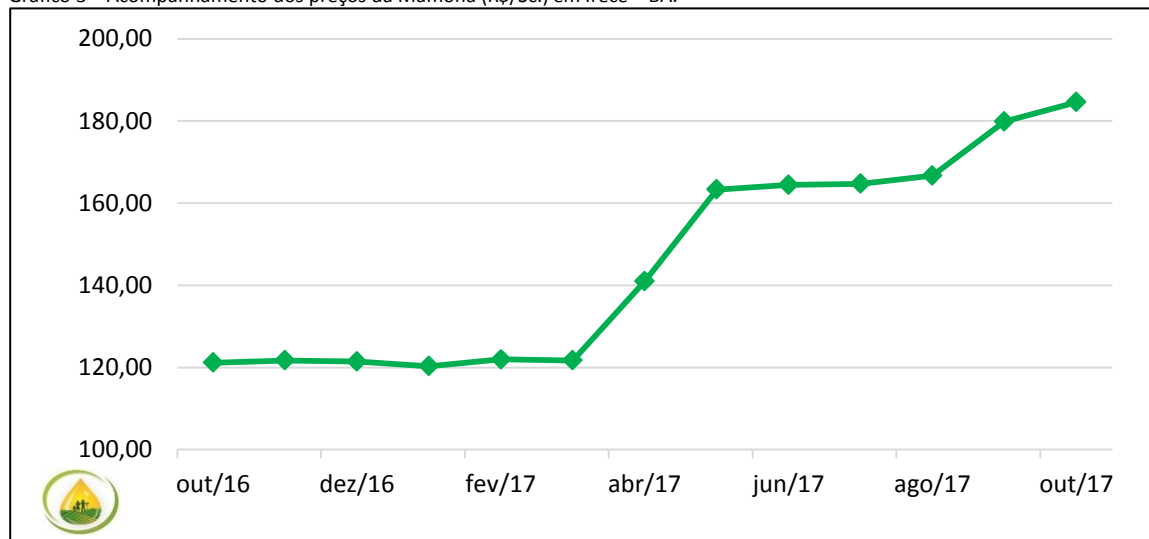
APOIO



Mamona e Girassol

De acordo com a CONAB, as estimativas para a safra 2017/18, de mamona, é de incremento de área plantada, que nessa primeira intenção vem apresentar um intervalo variando de 0,4 a 8,2%, comparado com o plantio da safra anterior, que foi de 28 mil hectares. Estima-se que a área cultivada no estado da Bahia, principal produtor nacional, seja de 21,2 a 23,4 mil hectares. Podendo ocorrer variação entre 0,4% e 11% na área em relação à safra anterior, que foi de 21 mil hectares. Segundo informações da região, há perspectiva de aumento na área a ser cultivada. Mesmo com as expectativas de aumento na produção para próxima safra, os preços mantiveram-se estáveis, com aumento inferior a 1%, como pode ser visto no Gráfico 1.

Gráfico 3 – Acompanhamento dos preços da Mamona (R\$/Sc.) em Irecê – BA.



Fonte: Elaborado pelos Editores.

O girassol, cultura de fácil adaptabilidade e que se desenvolve bem na maioria dos solos agricultáveis brasileiros, vem apresentando pouca variação nos quesitos área cultivada, produtividade e produção. Como apurou a Companhia Nacional de Abastecimento no 2º Levantamento de Grãos – Safra 2017/18, a área cultivada se manteve a mesma quando comparada à safra 2016/17, correspondente a 62,7 mil ha. Os outros comparativos apresentaram variações negativas. A produtividade passou de 1.653 para 1.564 kg/ha. A produção variou 5,5%, passando de 103,7 para 98 mil toneladas.

APOIO



Milho

Mercado Internacional

De acordo com a Secex, o Brasil exportou cerca de 5,028 milhões toneladas do cereal, alta de 15% frente a setembro, e cerca de 3,5 vezes maior que o mesmo período do ano passado. Na parcial da atual temporada (fev/17 a out/17), as saídas brasileiras do cereal somam 20,28 milhões de t – restam 9,7 milhões de t para atingir a atual estimativa da Conab de exportações.

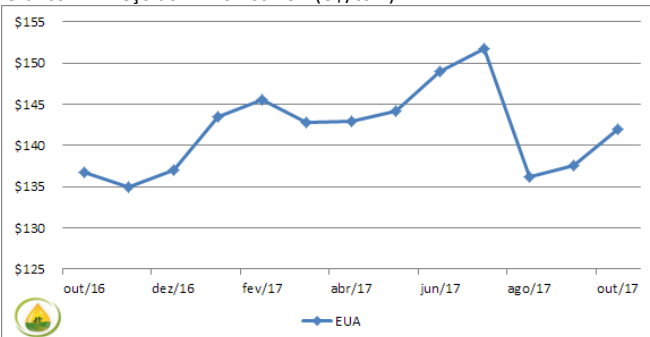
Na Bolsa de Chicago (CME Group), os contratos futuros de milho seguem em queda, influenciados pelo andamento da colheita de milho nos Estados Unidos com 54% das lavouras já sido colhidas, segundo o USDA, em seu relatório divulgado no dia 30. Os vencimentos Dez/17 e Mar/18 recuaram 2,7% em relação a setembro, indo a US\$ 3,4572/bushel (US\$ 136,11/t) e US\$ 3,6172/bushel (US\$ 142,41/t) no dia 31 de outubro.

O avanço da colheita nos Estados Unidos aliada a ampla oferta no meio do mês foram um dos principais motivos da baixa dos preços internacionais. Outro fator que pesou para os preços internacionais baixistas foi uma exportação além das expectativas do mercado e a queda do trigo que pesou sobre os preços do milho (Conab).

Além disso, soma-se a valorização do dólar, que torna o cereal norte americano menos competitivo internacionalmente e o avanço do

plântio da safra brasileira (Conab).

Gráfico 4 – Preço do milho nos EUA (US\$/ton.)



Fonte: Elaborado pelos editores.

Mercado Interno

De acordo com CEPEA/ESALQ, os preços de milho subiram pelo terceiro mês consecutivo, retomando os patamares de março/17. Isso, porque produtores estiveram afastados do mercado, devido às incertezas quanto às condições climáticas no Brasil e os possíveis impactos no desenvolvimento da safra verão de milho e de soja.

O Indicador ESALQ/BM&FBovespa (base Campinas-SP) registrou alta de 7% em outubro, fechando com média de R\$ 31,25/saca de 60 quilos. Quanto aos preços médios no mercado disponível (negociações entre empresas) e de balcão, se elevaram 4,5% e 5,8%, respectivamente.

APOIO



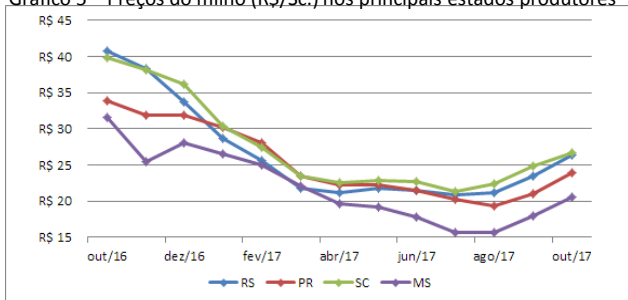
Até o meio do mês o mercado doméstico seguiu com negociações bem pontuais, com vendedores optando por comercializar o milho mais com os demandantes internos do que para exportação, visto que os primeiros têm ofertado preços melhores (Conab).

Essa maior demanda interna favoreceu o aumento de preços, melhorando as condições de rentabilidade do produtor (Conab).

No entanto, sabe-se que quando se iniciar a colheita da soja, a tendência é de que haja uma diminuição de cotações, visto que os produtores vão buscar liberar os armazéns e os demandantes internos estarão mais abastecidos (Conab).

Já na segunda metade do mês, em função do recuo dos vendedores e do feriado, o mercado permaneceu lento. O foco no plantio da soja, que está atrasado em algumas regiões brasileiras, e as incertezas do mercado quanto ao clima, câmbio e preços futuros causam a retração dos produtores em comercializar (Conab).

Gráfico 5 – Preços do milho (R\$/Sc.) nos principais estados produtores



Fonte: Elaborado pelos editores.

Soja

Mercado internacional

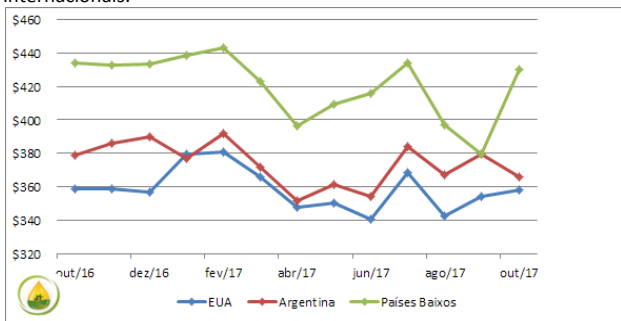
De acordo com a Secex, em outubro, as exportações do grão somaram 2,48 milhões de toneladas, volume 41,8% inferior ao exportado em setembro; porém, mais que o dobro do volume embarcado em igual período de 2016.

Na primeira semana de outubro os preços internacionais tiveram uma forte alta finalizando a semana de 09 a 13/10 acima de US\$ 10/bu, o maior valor da cotação da Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) desde julho de 2017. Na segunda semana, com o avanço da safra americana de 40% (15/10) para 70% no dia 22/10, os preços internacionais sofreram baixa terminando cotados a US\$ 9,78/bu. Outro fator que pesou para os preços internacionais baixistas foi a expectativa de chuvas no Brasil. No restante do mês, a safra americana continuou avançando, chegando a 90% da área colhida, impactando ainda mais na queda dos preços internacionais. Mas o fato de maior relevância na segunda metade do mês ficou com as vendas para exportação americana (exportações futuras), que até o dia 19/10 estava abaixo da média, e na semana do dia 30/10 ao 03/11, tiveram um grande salto, mas apesar disso, as somas das vendas para exportações ainda estão abaixo dos últimos 3 anos, o que pode impactar nos preços futuros ainda no ano de 2017 (Conab).

APOIO



Gráfico 6 – Preço da soja (U\$/ton.) nos principais mercados internacionais.



Fonte: Elaborado pelos editores.

Mercado Interno

De acordo com o CEPEA/ESALQ, em um cenário de firme demanda externa e retração de produtores em comercializar lotes grandes (que se deve a especulações sobre um possível atraso na entrada da temporada 2017/18, em função do semeio mais tardio), muitos produtores brasileiros deram preferência para a efetivação de contratos a termo, ao invés de vender a soja no mercado spot. Geralmente, observa-se intensificação dos negócios envolvendo a soja em outubro, mas o volume da safra 2017/18 comercializado até o final do mês esteve abaixo do registrado na temporada anterior, período em que as vendas antecipadas também estiveram fracas.

As cotações internas também foram impulsionadas pela valorização do dólar frente ao Real. A moeda norte-americana teve média de R\$3,195 em outubro, a maior desde julho deste ano. De um lado, o câmbio reduz o custo ao importador (em dólar) e de outro eleva o preço recebido pelo vendedor (em Reais), o que elevou a liquidez externa no último mês.

A média do Indicador da soja ESALQ/BM&Fbovespa Paranaguá foi de R\$71,47/saca de 60kg em outubro, alta de 1,5% em relação a setembro e a maior desde julho/17, em termos reais (IGP-DIset/17). O Indicador CEPEA/ESALQ Paraná avançou 2,3% no mesmo comparativo, com média de R\$66,48/sc em outubro,

também a maior dos últimos três meses. Na média das regiões acompanhadas pelo Cepea, as cotações da oleaginosa apresentaram aumento de 3,3% no mercado de balcão (preço pago ao produtor) e de 2,5% no de lotes (negociações entre empresas).

De acordo com o relatório do CEPEA, na média das regiões acompanhadas pelo Cepea, os preços do farelo de soja subiram fortes 5,2% entre setembro e outubro. Em 21 das 35 regiões acompanhadas pelo Cepea, a média de outubro foi a mais elevada nos últimos três meses, em termos nominais. De óleo de soja, os preços são os maiores desde janeiro, em termos reais, com média de R\$2,753,19/tonelada (posto na cidade de São Paulo com 12% de ICMS) em outubro.

Quanto às questões climáticas, o cenário de baixa precipitação no começo do mês foi substituído pelo retorno das chuvas durante o resto de outubro em várias regiões do país. Com isso, o plantio da safra brasileira de soja teve um grande impulso. O Departamento de Economia Rural (Deral) estimou que o plantio de soja no Paraná para safra 2017/2018 é de 80% da área estimada. O Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea) estima que 64,86% da safra 2017/2018 do Mato Grosso já foi plantada. Este valor ainda é menor que o plantado no mesmo período de 2017 que foi estimado em 80,27%.

Apesar do plantio de soja seguir firme nos principais estados produtores brasileiros, segundo a Conab, devido aos baixos preços internacionais e nacionais, as vendas antecipadas do produto seguem em baixa. Os agricultores esperam uma melhoria nos preços para 2018 que podem ou não ocorrer, porém, até o momento, não há nenhum fundamento de mercado que possa mudar o cenário atual.

APOIO



EXPEDIENTE

O Bioinformativo é uma publicação mensal do centro de referência da Cadeia de Produção de Biocombustíveis para a agricultura familiar, da Universidade Federal de Viçosa.

EQUIPE BIOMERCADO

Coordenador do Centro:
Prof. Ronaldo Perez

Endereço: CCBioenergia,
Vila Gianetti 25, Campus Universitário
– Viçosa, MG. CEP: 36570-000

Telefone: (31) 3899-1791

e-mail: contato@biomercado.com.br

Estagiários:

Nathália Oliveira

Elizângela Araújo

Gabriel Lourenço

Murilo Bonfim

Marcos Rosa

APOIO